

FEITO NA RAÇA

SÉRGIO MAGGIO

O mundo do garoto Miguel Moreno é animado por ratos ruivos que cantarolam uma espécie de ópera. Apontado como um destrambelhado pelos adultos que o cercam, ele escapa sempre da vivência entre os humanos, onde o sujeito cresce e vira um ser que almeja posses e poder. Adaptada da literatura onírica do francês Jacques Prévert, a peça brasileira *Fragmentos de sonhos do menino da lua* é atual sensação de público e crítica, no Centro Cultural Banco do Brasil do Rio de Janeiro, com temporada concorrida até 7 de maio. Foi considerada "ótima" pelo crítico Ricardo Schöpke, do *JB*, e situa a diretora Míriam Virna, uma das criadoras mais instigantes do novo teatro brasileiro, num lugar prestigiado dentro da concorrida cena carioca.

Fragmentos de sonhos do menino da lua faz sucesso no momento em que o Circo Teatro Udigrudi acaba de ganhar, também no Rio, o prestigiado Prêmio Zilka Salaberry pela pesquisa de linguagem, que originou, por exemplo, a montagem *O cano*, espetáculo que projetou internacionalmente a companhia de circo-teatro, hoje na casa dos 28 anos e uma das mais prestigiadas do mundo. *O cano* roubou a atenção no Edinburgh Fringe Festival (Escócia), em 2001, com os excêntricos palhaços musicais, que construíam sonhos no palco com pedaços de tubos e tocavam músicas em instrumentos incríveis, criados pelo mago Márcio Vieira. Até hoje em cartaz, a montagem já foi de Hong Kong a Sobral, no Ceará.

Os espetáculos de Míriam Virna e do Circo Teatro Udigrudi deixam Brasília em privilegiado estado de graça, como faz atualmente a Cia. de Comédia Os Melhores do Mundo, que volta a Lisboa (Portugal) para repetir sessões abarrotadas de *Hermanoteu na terra de Godah*, nos dias 1º e 2 de maio. A parada internacional coroa 15 anos de trabalho intenso.

Dalton Camargos/Divulgação

Fragmentos de sonhos do menino da lua: espetáculo brasileiro, adaptado de original francês, é sensação nos palcos do Rio de Janeiro



GRANDE PROJEÇÃO

"Em todos os lugares aonde a gente vai, anunciamos que somos um grupo de Brasília", avisa Welder Rodrigues, um ator que, sempre quando está na cidade, vai prestigiar o trabalho dos amigos.

Apesar desse feliz quadro desenhado com a belíssima trajetória desses trabalhos, viver de teatro em Brasília é um sonho caro para quem pisa no palco com a missão de entreter e conscientizar o público. Ao completar 50 anos, a capital do Brasil não espelha a qualidade e a potencialidade dos artistas. Há fins de semana em que duas ou três minguadas peças disputam a atenção do público brasileiro, muitos ainda sem orientação sobre a produção da cidade. Não é preciso quebrar a cabeça para encontrar o "x" do problema. Há décadas, não há investimento do poder público local para o fomento à produção teatral da cidade. O Fundo de Apoio à Cultura (FAC) é incapaz de sustentar a demanda alimentada por artistas, grupos e criadores que saem de duas faculdades de teatro. Dá apenas 13,5% do orçamento

para teatro e dança, a fim de se montar espetáculos que duram, em média, 10 sessões.

"Fazer teatro em Brasília é persistir, teimar, tirar dinheiro do bolso", resume o ator, diretor e dramaturgo Alexandre Ribondi, que completa 40 anos de atividade e é um dos mais produtivos da cena local.

Sem a fé do poder público na produção teatral, o caminho é se apegar no exemplo bem-sucedido de quem arromba portas. Gente como Hugo Rodas, que chegou aqui em tempos de ditadura e fez do teatro um desbunde em plena Brasília tomada pelos militares; a corajosa Dulcina de Moraes, primeira-dama do teatro brasileiro no século 20, que arrumou as malas e transferiu a Faculdade de Artes Dulcina da velha para a nova capital; e os irmãos Adriano e Fernando Guimarães, que desenvolvem um pesquisa estética reconhecida internacionalmente. Tem ainda a garotada do Teatro do Concreto, vinda de todas as cidades e batizando a entrada de Brasília na concepção de um teatro feito em grupo.

O TEATRO

DOS PALCOS DA CIDADE PARA O BRASIL E ATÉ PARA OUTROS PAÍSES, AS ARTES CÊNICAS DE BRASÍLIA TÊM REPRESENTANTES DE PESO. PARADOXALMENTE, NEM SEMPRE HÁ BOM RETORNO DO PÚBLICO LOCAL

EM BRASÍLIA, EU QUIS
CRIAR A BELEZA QUE
NASCE DO ESPANTO"

OSCAR NIEMEYER